

Projeto “Valores”: a escola enquanto espaço para a orientação intelectual, moral, ética, relacional e social dos educandos

Gleudson Roberto Margotto
Franklin Noel dos Santos

72

Resumo: O projeto “Valores” foi realizado na EEEFM Armando Barbosa Quitiba, rede estadual do Estado do Espírito Santo, Sooretama, com a finalidade de resgatar nos estudantes da instituição valores básicos que favorecem uma melhor convivência entre os atores do processo de ensino-aprendizagem. O trabalho atravessou as dimensões intelectual, ética, moral, relacional e social dos envolvidos em que foram destacados valores como ética, solidariedade, respeito, tolerância, ajuda mútua, disciplina, entre outros lembrados pelos estudantes. Tratou-se de um projeto envolvendo sete professores da área de Humanas e todos os estudantes da escola (aproximadamente 800 alunos). Construído pelos próprios alunos, a prática se deu em três etapas: primeiramente, houve a orientação dos professores, onde esses fizeram a proposta e direcionaram caminhos para a pesquisa. No segundo momento, os estudantes iniciaram a construção de seus trabalhos, que foram feitos por meio de pesquisas bibliográficas, pesquisas quantitativas e qualitativas, entrevistas e questionários. Por fim, ocorreu a culminância do projeto, onde os objetos estudados foram apresentados de variadas formas: teatro, danças, músicas, exposições, gráficos, palestras e depoimentos. As impressões extraídas do projeto interdisciplinar foram muito positivas de modo a perceber a interação dos alunos com tais assuntos, assim como o esclarecimento, surpresas e motivações com que se expressaram.

Palavras-chave: Valores. Processo de ensino-aprendizagem. Cotidiano. Interdisciplinaridade. Cidadania.

Project “Valores”: the school as a space for intellectual, moral, ethical, relational and social orientation of students

Abstract: The project “Valores” took place at EEEFM Armando Barbosa Quitiba, a state school supported by the public educational system of Espírito Santo, in Sooretama, and aimed to retrieve from the students basic values which lead them, the actors of the teaching-learning process, to a better coexistence. This work ran through the intellectual, ethical, moral, relational and social dimensions of those involved where values such as ethic, solidarity, respect, tolerance, mutual help, discipline and others brought up by the students were emphasized. It was a Project involving seven teachers from Humanities and all the students of the school (about 800). It was developed by the own students and carried out in three stages. First, the teachers introduced them the purpose of the work and then guided the students by pointing out the paths to research. Secondly, the students began their works, which were done through bibliographic searches, quantitative and qualitative researches, interviews and questionnaires. Lastly, the climax of the project occurred and the objects analyzed were presented through many ways such as plays, dances, music, exhibitions, graphics, lectures and testimonies. The impressions of this interdisciplinary project were very positive since it allowed us to perceive the student’s interaction with such subjects, besides their enlightenment, surprises and motivation.

Keywords: Values. Teaching-learning process. Daily life. Interdisciplinarity. Civil rights and duties.



Apresentação

Realizado com as três turmas de ensino médio (do ensino regular e da educação de jovens e adultos – EJA), esse projeto foi realizado no ano de 2016 durante os meses de setembro a dezembro na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Armando Barbosa Quitiba.

Essa escola atendia à época somente turmas de ensino médio, sendo 9 turmas no turno matutino, 8 turmas no turno vespertino e 7 turmas no noturno, o que chega a um número aproximado de 800 alunos. Trata-se de uma unidade escolar localizada no centro da cidade de Sooretama.

Quanto à comunidade a que a escola encontra-se inserida, esta é bem diversificada. O alunado compõe uma clientela que inclui estudantes do interior (zona rural) que tem suas famílias sustentadas basicamente pela agricultura, e da parte mais urbana da cidade, onde muitos vivem do comércio, de empregos assalariados e até mesmo do setor público sendo contratados pela prefeitura da cidade. Além disso, há uma diversidade significativa no que se refere a poder aquisitivo, aspectos étnicos-raciais e denominações religiosas.

Alguns fatores interferiram e motivaram diretamente a construção desse projeto. Podemos citar a diversidade presente no ambiente escolar e, conseqüentemente, a necessidade de entendimento e respeito a essas diferenças, a perda de alguns valores educacionais básicos no tratamento com o outro (seja aluno com aluno, aluno com professor, gestor ou outros funcionários) e a demanda de reflexão sobre a formação para cidadania. Segundo Bardi e Schwartz (2003), a pertinência dessa temática decorre da constatação de que os valores humanos são de grande relevância, como construto, para o entendimento de diversos fenômenos sociopsicológicos.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (2013, p.145) assim nos afirmam:

Tendo em vista que a função precípua da educação, de um modo geral, e do Ensino Médio – última etapa da Educação Básica – em particular, vai além da formação profissional, e atinge a construção da cidadania, é preciso oferecer aos



nossos jovens novas perspectivas culturais para que possam expandir seus horizontes e dotá-los de autonomia intelectual, assegurando-lhes o acesso ao conhecimento historicamente acumulado e à produção coletiva de novos conhecimentos, sem perder de vista que a educação também é, em grande medida, uma chave para o exercício dos demais direitos sociais.

A questão do respeito às diferenças é um assunto bastante em voga nos dias atuais no que se refere à abordagem étnico-racial, orientação sexual, segmento religioso, bem como filiação política. Os professores envolvidos em tal projeto, tendo significativa visão dessa questão, insistem na defesa do respeito contínuo perante essa diversidade. Paulo Freire, trabalhando nessa perspectiva, nos alerta sobre isso:

É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico. O velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo. Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam os negros, dos que inferiorizam as mulheres [...] Pensar e fazer errado, pelo visto, não têm mesmo nada que ver com a humildade que o pensar certo exige. Não têm nada que ver com o bom senso que regula nossos exageros e evita as nossas caminhadas até o ridículo e a insensatez. (FREIRE, 1996, p.20).

Sabemos que trabalhar essas questões faz-se extremamente necessário e traduz em educação o que o próprio Currículo Básico da Escola Estadual do Espírito Santo já salienta em sua proposta:

É sabido que a maior transformação da dinâmica escolar acontecerá por meio do currículo. O currículo é a materialização do conjunto de conhecimentos necessários para o desenvolvimento de crianças, jovens e adultos intelectualmente autônomos e críticos. Portanto, o currículo forma identidades que vão sendo progressivamente construídas, por meio dos conhecimentos formalmente estabelecidos no espaço escolar, por meio de atitudes, valores, hábitos e costumes historicamente produzidos que, muitas vezes, passam de forma subliminar nas práticas pedagógicas. (Espírito Santo, Sec. Educação, 2009, p. 12).



Buscamos sempre discutir com os alunos a busca da coerência no que tange aos valores e suas respectivas práticas, ou seja, quando qualquer aluno questiona sobre a prática de uma determinada conduta, fazemos com que ele traga para si o problema, sensibilize-se (GALLO, 2012), identificando como este encontra-se presente também em sua realidade. Por exemplo, é comum ouvirmos reclamações sobre ética, moral, corrupção, desrespeito às normas sempre direcionado aos políticos, empresários (enfim, pessoas distantes da nossa realidade), todavia demonstramos que tal problema não se refere somente a algo distante, mas pode estar muito próximo à medida que enxergamos em nosso cotidiano ações como furar fila, colar em provas, transferir ao outro responsabilidade do erro, entre outros conflitos existentes.

Com o desenvolvimento de reflexões dessa natureza é que desenvolvemos tal relato de experiência e que motivamos os alunos a pesquisarem mais a fundo o que é valor, o que se busca atingir com sua prática, bem como as vantagens em viver a partir de sua perspectiva. O impacto foi bastante significativo porque as informações colhidas ao longo do projeto e apresentadas em sua culminância foram ao encontro da realidade do aluno, daquilo que ele traz à escola como demandas, dúvidas, desconfiças, esperanças, projeções de futuro, enfim, do seu *capital cultural* (BOURDIEU; PASSERON, 1992).

Em suma, como objetivo geral, estabelecemos neste projeto, resgatar valores fundamentais à convivência escolar na EEEFM Armando Barbosa Quitiba, refletindo acerca de seus desdobramentos com vistas a um bom êxito no processo de ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, no exercício da cidadania.

No que tange aos objetivos específicos buscamos: reavivar valores que vêm se perdendo gradativamente na instituição escolar, na sua relação entre todos os envolvidos neste ambiente; promover a discussão acerca de ações que possam levar um maior desenvolvimento do diálogo, desencadeando resultados nas dimensões abordadas nesse projeto; minimizar permanentes



conflitos e violências de intensidades distintas por meio da reflexão de julgamentos morais como certo, errado, justo, injusto, bom, mau.

Justificativa e Contextualização

Fazer parte de uma equipe escolar que tem por objetivo mediar um processo de ensino-aprendizagem com alunos dotados de diversidade, saberes (formais e não formais) e, ao mesmo tempo, pertencentes à etapa média da educação, cujas idades variam de 15 a 18 anos no ensino regular e oscilam significativamente na educação de jovens e adultos (aproximadamente de 18 a 55 anos), revela-se algo gratificante, contudo, continuamente desafiador.

Levando em conta que boa parte dos alunos envolvidos nessa prática educacional de ensino está em fase de formação de uma visão mais autônoma e coerente de mundo (mesmo a EJA abrangendo pessoas de mais idades, essas ainda estão construindo sua visão mais apurada acerca do mundo que os cerca), - e essa construção é geradora de seguidos conflitos, divergências, desentendimento do espaço alheio, dos limites a que se pode e deve ter - o projeto buscou um fomento à reflexão de questões que devem permear o cotidiano dos estudantes.

É válido salientar que essa cadeia de conflitos a que os estudantes encontram-se sujeitos resulta, em dados momentos, em formas de violência, inclusive velada, que somente com um olhar minucioso é possível identificá-las. Podemos citar aqui o *bullying*, que é tratado com bastante atenção por parte da Secretaria de Educação desse estado solicitando à escola que o mantenha sempre em suas pautas, de maneira transversal à Base Comum. Conforme Fante (2005, p.28), essa violência se caracteriza como “um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento”.

Causou surpresas positivas perceber como os alunos foram protagonistas em trazer questões que os tiravam de uma zona de conforto, que os perturbavam em seus distintos universos, bem como suas convicções em



defender um ponto de vista, algo que acreditam, que os fortalecem e lhes dá direcionamento. De fato, pôde-se inferir: não lidamos com tábulas rasas⁴.

Outra coisa que agregou-se como motivação para esse movimento interdisciplinar foi a necessidade de trabalhar a partir de metodologias inovadoras. Se o trabalho num viés mais rotineiro como aulas expositivas e dialogadas, seminários, avaliações, pesquisas, exercícios dirigidos são fundamentais para o bom êxito no ambiente escolar, a elaboração de um projeto diferente com um dia festivo e diferente em sua culminância é essencial para reavivar os olhares e interesses dos alunos em relação à escola. A preocupação e o interesse em elaborar as atividades revelaram esse olhar avivado com que desenvolveram o projeto.

Por fim, as reflexões trabalhadas não somente tinham por objetivo uma construção acerca de melhores relações e visões mais apuradas da ética, moral, respeito às diferenças, cidadania, como também dava plenas orientações para um melhor desempenho nas avaliações externas, sobretudo o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM (que é um dos objetivos do público do ensino médio). As questões trabalhadas foram exatamente ao encontro daquilo que o ENEM tem priorizado em suas propostas de redação, como, por exemplo:

- O trabalho na construção da dignidade humana - (2010).
- A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira - (2015).
- Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil - (2016)
- Caminhos para combater o racismo no Brasil – (2016, neste ano houve duas aplicações de provas em virtude de algumas escolas terem sido ocupadas por manifestantes que reivindicavam melhorias nas políticas públicas, sobretudo, educacionais).

⁴ Termo utilizado pelo filósofo inglês moderno John Locke (1632 – 1704). O autor negava radicalmente a existências de ideias inatas - tese defendida por Descartes. Quando se nasce, o autor defendia, a mente é uma página em branco (tábula rasa) que a experiência vai preenchendo e isso se produz em duas etapas: a) a da sensação, proporcionada pelos sentidos, e b) a da reflexão, que sistematiza o resultado das sensações.



Esses temas nos dão um retorno muito positivo no que consiste ao caminho que estamos trilhando, uma vez que os temas relacionam-se estritamente com as reflexões propostas, sobretudo nesse relato de experiência.

Desenvolvimento da ação: caminhos metodológicos

As discussões para a escolha do tema do relato de experiência em questão se deram na Jornada de Planejamento Pedagógico (JPP)⁵ realizada na transição do 2º para o 3º trimestre⁶ (no caso da EJA, transição do 1º para o 2º semestre). Aproveitando, inclusive, comentários pertinentes advindos do Conselho de Classe, a equipe de professores, em consonância com a equipe pedagógica/gestora, decidiu promover um projeto que abarcasse o 3º trimestre/2º semestre, sendo organizado concomitantemente com as outras atividades próprias do processo educativo.

Construído pelos próprios estudantes, o grupo era composto por aproximadamente 800 alunos distribuídos entre 1ª, 2ª e 3ª séries das modalidades de ensino regular e Educação de Jovens e Adultos, sendo dos três turnos: matutino, vespertino e noturno. Quanto à equipe, esta compunha-se de 7 professores, 3 coordenadoras pedagógicas, 3 coordenadoras de turno, 1 diretor, além dos outros docentes que apesar de não estarem diretamente envolvidos na ação muito colaboraram para o bom andamento dos trabalhos.

O caminho metodológico se deu em três etapas: primeiramente, houve a orientação dos professores, onde esses fizeram a proposta e direcionaram caminhos para a pesquisa. No segundo momento, os estudantes iniciaram a construção de seus trabalhos, que foram feitos por meio de pesquisas

⁵ A Jornada de Planejamento Pedagógico trata-se de um momento, como o próprio nome já diz, de planejamento da equipe de professores, juntamente com a coordenação pedagógica e com a direção visando traçar planos, metas, metodologias, avaliações, projetos, tentativas de soluções para eventuais problemas que a escola esteja ou venha a enfrentar. No início do ano letivo o olhar está mais voltado ao preparar/organizar, já no decorrer do ano as JPPs podem servir, além de planejamento, de avaliação do que já fora posto em prática na instituição.

⁶ A Rede Estadual de Educação do estado do Espírito Santo organiza seu ano letivo no ensino regular por trimestres sendo, assim, 3 trimestres ao longo de todo ano: 1º trimestre de fevereiro a maio, 2º trimestre de maio a setembro e 3º trimestre de setembro a dezembro. Já no caso da EJA, o ano letivo é organizado por semestre, sendo o 1º de fevereiro a julho e o 2º de julho a dezembro, cujas etapas referem-se cada uma delas a uma série.



bibliográficas, pesquisas quantitativas e qualitativas, entrevistas e questionários. Por fim, ocorreu a culminância do projeto, onde os objetos estudados foram apresentados das mais variadas formas: teatro, danças, músicas, exposições, gráficos, palestras e depoimentos.

A etapa de orientação dos professores iniciou-se a partir de uma organização dos próprios docentes. No dia de planejamento (terça-feira, planejamento da área de Ciências Humanas), a equipe docente discutiu a iniciação do projeto e distribuiu-se ficando cada educador responsável em encaminhar as orientações para determinada(s) turma(s). Na sala, pôs-se em prática essa tarefa: justificando e contextualizando a importância do projeto para o desenvolvimento das turmas, os professores propuseram atividades diversas que deveriam ser organizadas ao longo de aproximadamente dois meses para serem apresentadas no dia da culminância. As atividades iam desde peças de teatro, passando por entrevistas, pesquisas quantitativas e qualitativas, chegando a depoimentos e apresentações externas sempre como pano de fundo o tema proposto.

A segunda parte, por sua vez, ficou a cargo dos educandos colocarem em prática. Sempre orientados pelos professores que se colocaram permanentemente à disposição para sanar eventuais dúvidas, os alunos foram construindo seus trabalhos ora em momentos extraclasse, pesquisando nos meios virtuais, entrevistando terceiros, convidando atrações externas (por exemplo, o Grupo de Capoeira que se fez presente, bem como autoridade religiosa que prestou depoimento sobre o tema em questão), ora na própria instituição escolar, por meio de ensaios, discussões sobre o desenvolvimento das tarefas, pesquisas no laboratório de informática, entrevistas com alunos, ornamentação do espaço, entre outras atividades que enriqueceram o projeto.

Quando aqui relatamos que, ao longo do processo os professores se fizeram sempre presentes, esse acompanhamento próximo foi a grande estratégia adotada pelo grupo docente que coordenou os trabalhos. Dentro dessa perspectiva de orientação, foi solicitado aos alunos que fizessem uso das ferramentas tecnológicas que, naturalmente, lhes são tão familiares. Portanto, para colher informações, relacioná-las, organizá-las e discuti-las, um



dos pontos abordados é que fossem utilizados recursos como filmadoras, *smartphones*, notebooks, data show, tablet, laboratório de informática, a fim de armazenar informações que noutra ocasião seriam selecionadas e analisadas da maneira mais adequada quanto à sua utilização.

Houve sempre a preocupação de que o trabalho, a despeito de proporcionar autonomia e liberdade aos alunos, não tivesse seu foco extraviado, onde *qualquer coisa* pudesse se tornar relevante sem a devida apuração quanto ao atendimento do que se pedia. Essa preocupação evitou a possibilidade de se cometer pelo menos dois riscos graves: segundo Gallo (2012), na prática educativa deve-se evitar sempre cair num dogmatismo, onde tal orientação passa a ser uma verdade absoluta, ou num relativismo, em que *tudo vale*, ou seja, em que qualquer coisa (inclusive algo sem fundamento) caracteriza-se como informação. Afinal, estamos falando de algo que tem por objetivo favorecer sólidos desdobramentos para o processo de ensino-aprendizagem como um todo.

Naturalmente, houve obstáculos no decorrer do projeto. E a eles foram necessárias análises para contorná-los. Nem sempre aquele direcionamento previamente estipulado foi alcançado, ou então alcançado satisfatoriamente. Ademais, houve aquelas turmas que não se comprometeram com a ideia, resistindo a ela, o que demandou certa insistência e diálogo do docente para se chegar num denominador comum a fim de que fosse dado encaminhamento ao projeto. Para esses casos, utilizamos de “jogo de cintura”, isto é, adaptações que proporcionassem novos olhares, novas formas de desenvolver a tarefa sem perder de vista o objetivo inicial.

A percepção, no decorrer do trabalho, de que a turma não se adaptou a uma determinada atividade, e a intervenção com o intuito de redirecionar as tarefas foram determinantes para que a prática não se perdesse ao longo do caminho. Novamente destacamos que tais intervenções só foram possíveis tendo em vista a proximidade com que os docentes acompanharam o desenrolar do processo.



Culminância do projeto

Enfim, tendo chegado ao dia da culminância, depois de mais dois meses de preparação, conforme já lembrado neste escrito, foi com muita expectativa e animação que tudo ocorreu. Com um cronograma elaborado previamente ao desfecho do trabalho, seguiram-se as apresentações de tudo aquilo que fora construído.

Podemos citar aqui, brevemente, algumas das atividades desenvolvidas nesse dia: paródias, apresentações de teatro, declamações de poemas/poesias, depoimento sobre a importância dos valores na contemporaneidade, apresentações musicais, exibição de curtas-metragens gravados pelos próprios alunos, exposição de uma pesquisa quantitativa e qualitativa feita com os próprios estudantes acerca da ética e moral, apresentação e depoimento do grupo de capoeira de um projeto da cidade de Sooretama/ES (Projeto Ceame).

Ressaltamos que, em cada momento apresentado, aproveitou-se os talentos dos alunos, isto é, aquilo que eles fazem com prazer e habilidade, aquele conhecimento cultural extraescolar, sua subjetividade criadora, como, por exemplo, a prática de atuar, falar em público, cantar, tocar instrumento, jogar capoeira, enfim, ações que lhes concedem consciência de um mundo que se apresenta e os desafia continuamente. Freire assim nos relata:

A consciência emerge do mundo vivido, objetiva-o, problematiza-o, compreende-o como projeto humano. Em diálogo circular, intersubjetivando-se mais e mais, vai assumindo, criticamente, o dinamismo de sua subjetividade criadora. Todos juntos, em círculo, e em colaboração, re-elaboram o mundo [...] (FREIRE, 1987, p.9).

Isso nos confirma um pensamento desse educador (Paulo Freire, 1987) que faz uma distinção entre ser homem enquanto sujeito do mundo e ser homem na condição de objeto do mundo. Enquanto o segundo é mero expectador do mundo a sua volta, o primeiro é um sujeito que, dotado de conhecimento, de subjetividade, da história a qual vem carregado, busca construir junto o mundo fazendo-se protagonista das ações nele recorrentes.



Outro fato marcante que cabe lembrar aqui foi o depoimento feito por um padre (líder religioso católico) no próprio dia do desfecho do projeto. Além da ótima utilização das palavras acerca dos valores na sociedade contemporânea, este demonstrou uma pertinente preocupação em respeitar os limites de laicidade afirmada por nossa Constituição Federal em seus artigos 5 (inciso VI) e 19 (inciso I) que preveem tal condição:

Art. 5

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias [...]

Art. 19:

É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios:

I - estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público;

Ademais, o artigo 33 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) veda quaisquer tendências proselitistas dentro do ambiente de ensino-aprendizagem sempre que forem trabalhadas questões que envolvam a temática da religião.

Diante das exigências constitucionais supracitadas, a equipe responsável pelo projeto já atentou-se a essa condição ao fazer o convite ao líder religioso para dar suas contribuições acerca da temática central da atividade interdisciplinar. As circunstâncias que levaram a equipe a convidar o sacerdote foi sua familiaridade com o tema *Valores*, elemento este, já discutido em muitas oportunidades pelo palestrante, além da oratória adequada a este público possuída por ele, isto é, a didática em desenvolver um tema específico com um grupo também extremamente peculiar: estudantes de ensino médio.

O conteúdo, por sua vez, como já dito, foi otimizado pelo orador tendo em vista o público (estudantes), o local (uma escola pública estadual) e a exigência da ocasião (a pertinência da temática). Elencando o resgate dos valores mais comuns do cotidiano nessa nossa sociedade contemporânea, foi



possível fazer uma reflexão de como relacioná-los dentro do nosso ambiente de ensino-aprendizagem.

Por tudo isso, pudemos apreender uma gratificação muito grande ao término do projeto. Perceber a interação dos alunos com tais assuntos, assim como o esclarecimento, surpresas e motivações com que se expressaram, foi muito relevante e serviram de instrumentos para a avaliação realizada que abordaremos a seguir.

Avaliação: impressões e resultados

Ao término do projeto, depois de cumpridas todas as etapas, a equipe de professores envolvida juntamente com a equipe gestora/pedagógica da escola se reuniu e trocou impressões acerca das práticas realizadas. Salientamos que todo o processo foi avaliado como muito positivo, desde o andamento dos trabalhos até a orientação que os professores se propuseram a dar aos alunos em momentos de dúvidas, erros, desconfiâncias, inseguranças. Além disso, considerando que cada professor possui carga horária distinta, em que alguns como docentes de Filosofia e Sociologia têm somente uma aula semanal, a cobertura dada pelos colegas nas eventuais necessidades também foi de grande valia.

Também foi destacada a compreensão dos professores que não eram da área de Ciências Humanas. Estes deram também um bom suporte quando necessário e contribuíram ao adaptarem seus horários favorecendo os alunos na preparação dos trabalhos, discussões, ensaios, além de terem entendido que necessitou haver momentos atípicos dentro da escola naqueles dias para que o projeto pudesse se concretizar.

A avaliação que se refere à nota dos estudantes, por sua vez, também foi bastante coerente e realizada de maneira processual, já que o trabalho não se resumiu à culminância somente, mas se iniciou desde a primeira orientação dada pelos professores. Conforme Luckesi (2005, p.15-19):

A avaliação da aprendizagem, [...] 1º. Tem por objetivo diagnosticar a situação de aprendizado do educando [...] 2º. É diagnóstica e processual, ao admitir que, aqui e agora, este educando não possui um determinado conhecimento ou



habilidade, mas depois, se ele for bem cuidado, poderá apresentar as qualidades esperadas [...] 3º é dinâmica, ou seja, [...] diagnostica a situação para melhorá-la a partir de novas decisões pedagógicas [...] 4º. É inclusiva, na medida em que não seleciona os educandos melhores dos piores [...].

Assim, “a avaliação da aprendizagem no ensino, então, não será um ato pedagógico isolado, mas sim um ato integrado com todas as outras atividades [...]” (ibidem, p.34) que visa “[...] diagnosticar e renegociar permanentemente o melhor caminho para o desenvolvimento, o melhor caminho para a vida” (ibidem, p. 55-56).

Avaliar de maneira contínua e processual colaborou com o bom êxito dos trabalhos, visto que, os alunos, a cada ação realizada, podiam visualizar o acompanhamento próximo, além de perceberem que, se participassem somente do dia da culminância não receberiam uma avaliação tão satisfatória quanto aos demais. Obviamente não estamos descrevendo nesse relato de experiência um trabalho perfeito onde todos participaram de maneira integral do início ao fim. Tiveram aqueles que precisaram de intervenção, com cobranças e correções já que não estavam dando o retorno esperado (não por dificuldade na execução, em alguns casos, mas por desinteresse).

De maneira geral, os resultados alcançados atenderam bastante à expectativa nas dimensões comentadas: ética, moral, intelectual, relacional e social. Os alunos tendo participado efetivamente da elaboração de atividades que tinham por finalidade defender os valores já elencados aqui, foram (e podemos dizer que ainda estão) revendo algumas condutas que iam de encontro àquilo que se espera de um aluno de ensino médio, a saber, comportamentos inadequados aos aspectos da faixa etária e grau de maturidade, falta de compromisso com o que é proposto pela instituição desde os aspectos pedagógicos, disciplinares e relacionais, bem como perda de bons hábitos que, quando permeiam a convivência escolar, consolidam um efetivo processo de ensino-aprendizagem.

Como já descrito, analisamos os bons resultados por meio de recursos como paródias, danças, apresentações teatrais, declamações de poemas, depoimentos, curtas-metragens e depoimentos. Naturalmente, todas essas formas de apresentação convergiram para a temática dos *Valores*. Foi possível

visualizar temas como solidariedade, ética, confiança, respeito, obediência, fidelidade, tolerância, entre outros valores que tanto contribuem para uma melhor convivência.

Ao se apresentar as atrações trazidas acima, fazia-se pequenas intervenções acerca da ideia central da atração apresentada. Estendia-se a palavra aos presentes que podiam expressar-se dentro daquilo que avaliavam importante ou que lhe chamavam a atenção.

No que consiste a esse pequeno debate que se formara após as apresentações, destacamos a lembrança das contínuas violências sofridas pela comunidade negra, lembrança esta colocada pelo instrutor de Capoeira convidado para apresentar a atividade exercida com crianças e adolescentes da cidade (inclusive alguns alunos) e para comentar sobre os desdobramentos da Capoeira na formação daqueles jovens.

À medida que desenvolvia sua fala, a temática do racismo inevitavelmente veio à tona, sendo lembrada, infelizmente como algo ainda muito recorrente. Segundo Carneiro (2011, p.16),

O pensamento social brasileiro tem longa tradição no estudo da problemática racial e, no entanto, em quase toda sua história, as perspectivas teóricas que o recortaram respondem, em grande parte, pela postergação do reconhecimento da persistência de práticas discriminatórias em nossa sociedade [...]

Outra situação marcante se deu quando a turma responsável pela pesquisa qualitativa e quantitativa se dirigiu a todos e os questionou sobre a conduta ética. Sem muita clareza dessas questões, os estudantes ao começarem visualizar os resultados da pesquisa que trazia comportamentos como colar em provas, furar fila, chegar atrasado, inventar desculpas não fundamentadas como ações rotineiras dentro do ambiente escolar, puderam incomodar-se entendendo como grandes reflexões podem se fazer presentes em pequenos atos do nosso cotidiano.

A equipe se motivou ainda com os desdobramentos que tal projeto provocou no que se refere à prova do ENEM (já foi brevemente lembrado anteriormente). Apesar da culminância do projeto ter sido posterior à aplicação



do exame nacional, os alunos já vinham realizando o trabalho, situação esta que lhes proporcionavam algumas informações sobre o tema que na ocasião foi “Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil”. Pudemos ouvir, portanto, o relato de alguns educandos que fizeram essa relação entre ambas as circunstâncias.

Finalmente, a própria mudança de metodologia instaurada pelo projeto sobre Valores já se configurou como algo a ser bem avaliado pelos alunos uma vez que tal prática se revelou como algo inovador, isto é, colhemos frutos muito significativos do trabalho feito em parceria haja vista a discussão proporcionada, além de um dia diferente de estudo que permitiu um novo ânimo, uma nova imagem da escola, enfim, um jeito novo e surpreendente de fazer educação.

Tendo em vista a avaliação positiva que o projeto teve e considerando também a rotatividade de estudantes (todo ano saindo alunos de 3º ano e chegando alunos de 1º ano) na Escola Armando Barbosa Quitiba, firmou-se a proposta de que tal trabalho deveria vir a se repetir, mesmo porque seria feito com novos atores, o que geraria uma nova roupagem, com reflexões distintas do que se teve nesse trabalho aqui relatado.

Destarte, numa oportunidade de se por novamente em ação o trabalho realizado no ano de 2016, o adaptaríamos às novas demandas que despontassem dentro da instituição de ensino (já que seriam novos alunos, certamente seriam novas necessidades e discussões), além de corrigirmos algumas situações (trataremos mais especificamente na conclusão) que deixaram a desejar e que podem ter contribuído com o desinteresse de uma pequena parcela dos estudantes em dados momentos no decorrer dessa prática pedagógica.

Considerações finais

Executar o projeto “Valores” foi uma experiência muito enriquecedora, pois trouxe alguns aprendizados, sobretudo, na maneira de ver como pode ser bem-sucedida uma atividade com a presença direta dos alunos em sua preparação.



Como já lembrado anteriormente, os alunos ainda que estejam em um processo de educação básica - neste caso o ensino médio – trazem significativos conhecimentos que, se bem aproveitados no decorrer do processo de ensino-aprendizagem, geram bastantes possibilidades de aprendizagens, inclusive de um jeito que se torne mais familiar e atraente a eles próprios. Inúmeras vezes ocorrem momentos na própria sala de aula em que o aluno auxilia o professor visto que aquele saber é muito próximo da carga de conhecimento que ele possui. Podemos citar os recursos tecnológicos (data show, celular, quadro digital, mesa de som): em algumas ocasiões, os alunos os manipulam com muito mais familiaridade do que o professor que, talvez atarefado com planejamentos, organização da turma, busca da disciplina, preparação para o início da aula, se vê ainda “atrasado” na utilização de tais equipamentos.

Outro aprendizado que se faz essencial ser destacado é a interação entre os professores da área no planejamento, orientação e execução do projeto em questão. Trabalhar no viés da interdisciplinaridade não é uma jornada simples, tendo em vista a divergência de opiniões, a diferença de carga horária entre esses docentes, bem como a novidade em executar tal proposta. No entanto, por meio do diálogo e ajuda mútua, foi possível chegar a um resultado muito satisfatório. Japiassu (1976, p.74) assim discorre sobre a interdisciplinaridade:

[...] a colaboração entre as diversas disciplinas ou entre os setores heterogêneos de uma mesma ciência conduz a interações propriamente ditas, isto é, existe certa reciprocidade nos intercâmbios, de tal forma que, no final do processo interativo, cada disciplina saia enriquecida.

Essas aprendizagens revelam que o projeto “Valores” deixou muitos pontos positivos como o trabalho interdisciplinar entre a equipe da área de Ciências Humanas, o diálogo com os alunos, a autonomia e o protagonismo dos estudantes na organização e apresentação das atividades, o apoio da equipe pedagógica e gestora, a avaliação positiva feita ao término dos trabalhos, a possibilidade concreta de uma nova execução desse projeto.



A fim de aperfeiçoá-lo, deixando-o ainda melhor, levantou-se como sugestão para uma próxima edição do projeto dar mais voz aos alunos na etapa da distribuição das funções e tarefas, visto que, em dados momentos, uma pequena parcela foi acometida por um desinteresse em virtude de não se enxergarem fazendo tal atividade. Ao se dialogar sobre o fato e pensarmos novas possibilidades como alternativas o trabalho tomou novos rumos e se efetivou.

Por fim, tudo o que fora desenvolvido tratou-se de um trabalho que julgamos ser regional, no sentido de poder se encaixar em muitas escolas da rede estadual do Espírito Santo, principalmente no norte do estado, uma vez que, em reuniões, assembleias, conselhos, dentre outros encontros, envolvendo, sobretudo, gestores de diferentes escolas, foi possível diagnosticar a perda de valores básicos que contribuem para uma relação mais harmoniosa entre os atores do processo educativo e, conseqüentemente, a dificuldade de relacionamento dialógico e comportamental desencadeando em prejuízos no ato educacional (em déficit de rendimentos, conflitos, distanciamento familiar, entre outros).

Ademais, pôde-se verificar por meios estatísticos o aumento dos índices de violência (física, verbal e psicológica) dentro de escolas dessa esfera do governo, condição esta gerada, obviamente, pela banalização de princípios valorosos que afetam positivamente o cotidiano estudantil e que prezamos reavivá-los neste projeto.

Diante desse cenário, o potencial de aplicabilidade nessas outras realidades é altíssimo, dado o interesse dos alunos, os bons resultados de reflexão e conscientização alcançados, o aperfeiçoamento do trabalho interdisciplinar, as novas metodologias de se pensar o processo de ensino-aprendizagem na educação básica, inclusive com o uso de tecnologias de informações e a superação de desafios encontrados que, gradativamente, podem e tendem a ser analisados e superados.



Referências

BARDI, A.; SCHWARTZ, S.H. **Values and behavior: strength and structure of relations**. Personality and Social Psychology Bulletin, 2003.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 29 de julho de 2017.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em 29 de julho de 2017.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

ESPÍRITO SANTO (ESTADO). Secretaria de Educação. **Ensino Médio: área de Ciências Humanas (Currículo Básico Escola Estadual)**. Vol.03. Vitória: SEDU 2009.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2. ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Verus, 2005.

FREIRE, PAULO. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALLO, Silvio. **Metodologia do ensino de filosofia: Uma didática para o ensino médio**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem na escola**. Salvador: Malabares Comunicação e Eventos, 2005.

Gleudson Roberto Margotto

gleidson_grm@hotmail.com

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo.



Franklin Noel dos Santos

franklin.santos@ufes.br

Professor Adjunto da Universidade Federal do Espírito Santo-UFES. Pós-doutor pela Universidade Federal do Pará/PETROBRAS. Doutor em Biociências Nucleares pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Mestre em Oceanografia Biológica pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE. Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal Rural de Pernambuco-UFRPE.

90

Recebido em: 17/09/2017

Aprovado em: 15/03/2018

